

O ESPOZENDENSE.



SEMANARIO REPUBLICANO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES D'ESTE CONCELHO (FUNDADO NO ANNO DE 1886)

Director, propr. e administ.—José da Silva Vieira. Editor—Manoel Gomes da Costa Freitas. Comp. e imp.—Typ. Espozendense—Espozende.

ANNO XXX (16. DA SERIE)

ASSIGNATURA—Anno, sem estampilha 1\$400 rs.—Numero avulso 60 rs.—Com estampilha 1\$360 rs.—Brazil, (moeda forte) 2\$500 rs. Redacção e administração—Rua Volga Belão, 7 a 9—Espozende.

ESPOZENDE 5.ª-FEIRA, 13 DE JULHO DE 1916

ANNUNCIOS—Linha, ou espaço de linha a 40 reis—Os assignantes tem 25 % de desconto.—Comunicados ou recizmes (secções) 60 rs.—Imposto do sello (cada publ.) 10 rs. Anunciam-se todas as obras literarias e scientificasmediante 1 exempl.

N.º 481

Caminho de Ferro da Povoa a Espozende

Quer-nos parecer que brevemente se darão principio aos estudos do prolongamento da linha ferrea da Povoa a esta localidade.

A muito digna Direcção em sessão approvou por unanimidade essa proposta, tendo do Conselho Fiscal parecer favoravel.

Ennumerar os lucros que trarão, esse prolongamento é desnecessario, porquanto os mais leigos no assumpto facilmente veriam pelas suas commodidades a enorme vantagem, que adquiririam quando o caminho de ferro aqui chegasse.

Tantas vezes temos fallado na viabilidade e exequibilidade d'este problema, que muitos sorrirão pensando tratar-se de falsos informes, decahindo com o tempo; como tudo de valor; d'esta vez asseguremos que as informações que nos trouxeram são fidedignas e que a execução seguir-se-ha em breve á sessão em que foi votado esse melhoramento.

A mesma ponte será utilizada ou com portas que a fe-

chem á circulação nas passagens dos comboios, ou com um plano lateral para o mesmo fim.

A causa porque ha mais tempo, não se deram principio a esses trabalhos, foi a camara povoense exigir que o prolongamento passasse por determinado lugar, o que acarretaria grandes despesas á Companhia, dando de mão a essa exigencia, irão em breve fixar a primeira estaca kilometrica da nova linha.

Fão e Espozende

RESPOSTA AO N.º 1

Está bem, senhores. O n.º 1 esclareceu tudo duma penada: já não exige a sua independencia para hoje; quer apenas *«que um dia possa ser um facto o que, agora é apenas uma aspiração unanime do seu povo.»*

Perfeitamente de acordo. Então não sabemos nós que Fão é um centro de população e de vida de certo modo atendivel?

E' sim, senhor! pois que duvidas? E tambem não lhe negamos *«elementos de vida, para que, um dia breve, se emancipe do jugo que a domina e propositadamente a humilha em tudo e por tudo.»*

FOLHETIM

Camara Municipal de Fão

Num conciliábulo secreto resolvera-se o caso. Tinha lá algum geito continuar na dependência de Espozende? Não, mil vezes! Mil vezes, ouviam?

Fão—a nobre filha de Roma, a irmã gêmea da Bracara Augusta, a quem, em séculos remotos, disputou o poder—Fão—o pai-velho, um vovô de 35 séculos de existencia não podia ser dirigido, nem governado por um imberbe bisneto, tataraneto, quintaraneto—é com certeza quintaraneto!—com a ridicula idade de 4 séculos—uma criança de peito!

Um frémito de entusiasmo electrizou toda a assembleia. O snr. presidente limpou o suor que escorria e propoz a fundação duma sociedade secreta com o fim de preparar a independência nacional de Fão.

Do fundo da sala uma voz

argentina pediu a palavra.

Era a tia Rosalia: queria apenas lembrar aquelas gentes, que o melhor era preparar já uma conspiração.

Muito bem! Uma conjura. Isso, issol!

Viva a tia Rosalia peixe!... Mas o sr. presidente tocava a campanha.

—Que é issol? Não viam que era uma reunião secretal A- quilo não podia transpirar lá fo- ra... Se ouvissem em Espozende? Tudo perdido, tudo! Calma, muita calma. O exemplo parte de cima: por isso sua ex.ª começou a falar baixo—quasi que ci- ciava o que dizia.

Uma voz peço a palavra.

O cidadão que pediu a palavra propoz que se falasse alto para todos ouvirem. Para evitar que, em Espozende se escutasse alguma coisa, lembrava que se calafetasse convenientemente todas as frinças das portas e janelas como acontecia ás juntas do lugre «Aguia Real», em cons- trução no estaleiro.

Res non verba; O articulista do n.º 1, porventura por esquecimento, não disse ainda quaes seriam os réditos provaveis do futuro concelho de Fão, e nem sequer mostrou aos seus leitores o que nós vamos por á vista dos nossos. E isto—é um pequeno confronto da receita que dá para o municipio a freguezia de Fão, tendo a par o encargo de despeza minima:

Em 1914:

Contribuição predial urbana para o municipio e instrucção primaria	167\$98
Idem, idem rústica	140\$14
Total	308\$12
Em 1915 ha apenas um acrescimo de	30\$82
ou sejam	338\$94

Para uma modesta camara de aldeia como a desejam os nossos bons visinhos, já é alguma coisa. Mas o resto, o mais eloquente é isto:

DESPESA:

Facultativo	200\$00
Iluminação	100\$00

Aprovada a proposta quatro calafetes do estaleiro, procederam imediatamente ao trabalho, findo o qual todos quizeram falar ao mesmo tempo:

—Peço a palavra!

—Peço a palavra!

—.....

Por fim o snr. presidente poz o chapéu na cabeça e fez menção de sair.

Então quatro ilustres fangueiras tiraram a espada da bainha e al' foi troia...!

Que tivessem vergonha na cara, que vissem o patriotismo com que se portavam as mais destravadas matronas de Fão, em cujas velas corria ainda o sangue puro das nobres patricias romanas de Aguas Celenas! Que vissem!

Silenciou tudo e logo o poeta Libório subiu ao estrado da presidência e leu um soneto de meia duzia de quadras, a transbordar de patriotismo.

Mas o Faustino Chasco assistiu collaborador do Farol de Fão, retrucou ao poeta:

Tres professores	840\$00
Subsidio de renda de casa	25\$00
Expediente para as duas escolas	24\$00
Total da despeza	1:189\$00
Recieita	338\$94
Defieit	850\$06

Esta se a ver que Fão tem carradas de razão (até rima), quando diz que os «ex.ª snrs. que fazem parte da mesma (camara) estão possuidos dum condenavel e cego egoismo, tratando só exclusivamente de beneficiar Espozende»...

Se todas as freguezias do concelho tivessem identico equilibrio financeiro, o nosso municipio podia pegar na tenda ás costas, e ir assentar arraiais noutra parte—em Fão, por exemplo, já que tanto o desejam!

Não, caro n.º 1: nós não levamos a mal que Fão se julgue com direitos á independencia, á sua autonomia politica e economica.

Não: reconhecemos até esta verdade: Fão é terra de iniciativa, tem uma industria a germinar e não falta a muitos de seus filhos vontade de a transformar num império industrial e comercial de renome.

Temos por Fão e pelo seu povo muita sympathia.

E para nós um burgo dos

—Isso não pode ser um soneto, porque tem poucas silabas!

O snr. presidente que conhecia os poetas latinos, como as proprias mãos, esclareceu:

—E tem quadras de mais.

De novo a tia Rosalia lembrou á assembleia que o fim que ali os tinha reunido não era discutir versos. Em sua opinião o melhor era conspirar abertamente contra Espozende, e mesmo matar a Camara c'uma fouçada!

—Apoiado, apoiado!

Faustino Chasco, na sua qualidade de homem de letras ofereceu os seus prestimos; e o poeta Libório os seus versos; e as quatro fangueiras energicas e decididas, comandadas pela tia Rosalia, as suas prestimosas linguas...

Aceites os oferecimentos o snr. presidente exigiu de todos um juramento solemne: que ninguém revelasse lá fora o que ali se tinha passado e... ia passar. As duas ultimas palavras custaram-lhe a sair...

Todos juraram: o poeta pe-

mais importantes do norte, é uma terra de certa originalidade; e lembra até com as suas ruas, ruelas e becos enumeraveis o labirinto de Creta, ou Lope-rohu- nit das visiohanças do lago Moeris.

Mas que diabol Vocês aã ca- ro n.º 1, julgam-se com direito á independencia? Trabalhem para isso. O nosso papel, pela força das circunstancias,—e exactamente pela mesma razão que vos traz a campo—obriga-nos a combater a vossa idéa.

Se tendes razão, temol-a nós tambem.

Mas incipientes jornalistas do n.º 1, permitam-nos uma censura: numa polémica, em qualquer campanha jornalística, quando se defendem ideaes nobres, é muito feio descer ao pessoalismo, discutir pessoas ou coisas que não raro estão bem afastados da discussão travada. E é nesta ordem de ideias que o «mesti ordem e alto mentor de Palmeira do Paro, alma mater do Espozendense» vos diz, por nosso intermedio, que vos agradece os reclames á sua «alta mentalidade», mas que a propria «pujança do seu talento» dispensa «os exhibicionismos de feira» que ele detesta.

Para terminar: Fão está a alimentar uma utopia. E se o articulista tem duvidas, leia o primeiro capitulo do Novo Código

los seus versos, o jornalista pela sua pena; as quatro fangueiras energicas e decididas pela boa sorte das suas linguas de prata, e a tia Rosalia pelos bons lucros da sua canastra.

Então o snr. presidente falou:

Meus senhores: o nosso dever é libertarmo-nos do jugo estrangeiro. Fão é um paiz que tem direitos e privilegios antigos. Somos ricos, possuímos uma enorme área de terreno. Temos bons meios estratergicos e poderemos entrincheirarmos convenientemente. Para cortar o efeito das granadas e das balas feitos extensos areais que nos permitem encher milhares de sacos e ainda exportar para a França e Italia muitas toneladas de areia.

Por tais motivos e por outros que ainda hei-de dizer mais tarde proponho a criação desde já do concelho de Fão. Viva o concelho de Fão!

—Vivóóó... (Continua)

E. BRUNO

